

CONHECENDO A RESTINGA DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO: A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS E A PRODUÇÃO DE UM GUIA ETNOBOTÂNICO

KNOWING THE RESTINGA OF SERRA DO TABULEIRO STATE PARK: GEOGRAPHIC EDUCATION IN NON-FORMAL SPACES AND THE PRODUCTION OF AN ETHNOBOTANICAL GUIDE

ANA CAROLINA SCHUHLI¹
ISADORA DE HARO THOMÉ²
ANA PAULA NUNES CHAVES³

Resumo

O presente artigo tem por finalidade apresentar as experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), por meio da elaboração de um guia etnobotânico, material didático proposto como atividade avaliativa da disciplina de estágio realizado no semestre 2022.01. O curso de Geografia da UDESC permite que as vivências de estágio ocorram tanto em espaços formais quanto em espaços não formais de educação e tem parceria como campo de estágio com a unidade de conservação de proteção integral, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST), como um espaço possível para que a educação geográfica possa acontecer. O PAEST representa a maior unidade de conservação do estado de Santa Catarina, está totalmente inserido no bioma da Mata Atlântica e sua rica biodiversidade de espaços dá a ele visibilidade para ações educativas. Um desses espaços é a Restinga, ecossistema que foi estudado para a seleção de espécies significativas para compor o guia botânico, o qual explorou tanto o ambiente onde a espécie se distribui, como a sua relevância natural e sociocultural.

Palavras-chave: Educação geográfica; Espaços não formais de educação; Material didático; Formação docente; Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

Abstract

The purpose of this article is to present the experiences lived during the Supervised Curricular Internship in Geography III, at the State University of Santa Catarina (UDESC), through the elaboration of an ethnobotanical guide, didactic material proposed as an evaluative activity of the internship discipline carried out in semester 2022.01. The UDESC Geography course allows internship experiences to take place both in formal and non-formal spaces of education and has a partnership as an internship field with the integral protection conservation unit, Serra do Tabuleiro State Park (PAEST), as a possible space for geographic education to take place. PAEST represents the largest conservation unit in the state of Santa Catarina, it is fully inserted in the Atlantic Forest biome and its rich biodiversity of spaces gives it visibility for educational actions. One of these spaces is the Restinga, an ecosystem that was studied for the selection of significant species to compose the botanical guide, which explored both the environment where the species is distributed, as well as its natural and sociocultural relevance.

¹ Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). anaschuhli@gmail.com

² Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. Bolsista do Programa de Extensão Expedições Geográficas. isadoradeharot@gmail.com

³ Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Educação Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC ana.chaves@udesc.br

Keywords: Geographic education; Non-formal spaces of education; Courseware; Teacher training; Serra do Tabuleiro State Park.

Apresentação

Localizado no território de Santa Catarina, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST) é uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral criada no ano de 1975 pelo decreto estadual 1.260, durante o mandato do governador Antônio Carlos Konder Reis.

As proposições contidas no decreto levam em conta a diversidade da floresta, fauna, flora, solo, a importância da preservação das águas subterrâneas e do relevo para a população. A criação do Parque foi proposta pelo padre botânico Raulino Reitz, com apoio do ecologista Roberto Miguel Klein, e seus estudos científicos foram fundamentais para a definição da unidade de conservação. O Parque leva o nome do ponto de maior altitude de uma das maiores montanhas da UC do estado, com o cume em formato tabular, o Pico Serra do Tabuleiro.

Sua extensa área corresponde a cerca de 1% do território catarinense e abrange nove municípios, compartilhados entre Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí, Paulo Lopes e Garopaba, além das ilhas do Siriú, dos Cardos, do Largo, do Andrade e do Coral, e os arquipélagos das Três Irmãs e Moleques do Sul (Figura 1).

Figura 1: Mapa de localização - PAEST



Fonte: IMA, 2017.

O Parque ocupa áreas desde o litoral até áreas mais interioranas. Assim, está inserido no bioma da mata atlântica, o qual possui diferentes ecossistemas, evidenciando uma rica biodiversidade. Dessa forma, conferimos a sucessão de um ecossistema de restinga nas áreas litorâneas, e atinge áreas de transição continental, com a mata de araucária.

A diversidade de espaços na área do Parque dá a ele uma visibilidade para ações educativas, como um espaço não formal de educação, com potencialidades para se trabalhar a educação ambiental como tema transversal que dialoga com diferentes áreas do saber, como a geografia, história, biologia etc.

Neste texto, elegemos apresentar a vegetação da restinga e sua importância socioambiental, além de dialogar sobre a produção de um guia etnobotânico como material didático produzido para a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Este material foi elaborado durante o semestre 2022.01 e teve por objetivo tornar mais atrativa a caminhada pela restinga do PAEST, mas, também, tinha o objetivo de servir de

auxílio para a promoção da educação geográfica em espaços não formais de ensino, podendo ser um subsídio para ações educativas, de lazer e de interpretação socioambiental relacionada com a paisagem da restinga.

O Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III é uma componente curricular teórico-prático que aproxima o estudante do seu campo de atuação, além de contribuir para a formação docente em geografia em campo através das observações, desenvolvimento e elaboração de materiais, pesquisa e escrita como registro reflexivo acerca do estágio desenvolvido. O curso de Geografia da UDESC permite que as vivências de estágio ocorram tanto em espaços formais quanto em espaços não formais de educação, sendo o PAEST um desses espaços que permite trabalhar a educação geográfica.

Por espaços não formais de educação entendemos os espaços que não possuem uma legislação própria para a promoção da educação formal, como ocorre em instituições de educação básica e ensino superior. Dessa forma, Jacobucci (2008) propõe uma definição para espaço não-formal:

Duas categorias podem ser sugeridas: locais que são Instituições e locais que não são Instituições. Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoobotânicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços. (JACOBUCCI, 2008, p.55, 56)

Dessa forma, o PAEST pode vir a ser considerado um espaço não formal de educação instituído. O Parque conta com a estrutura de um centro de visitantes localizado na Baixada do Maciambu, no município de Palhoça, e uma equipe de monitores capacitados que auxiliam na conservação do local, através das práticas educativas e oficinas, voltadas à educação ambiental e interpretação da paisagem. Dessa forma, o Parque passa a ser visto como um local protegido e uma grande sala de aula em potencial para se trabalhar a educação.

A partir do que assegura o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), duas são as categorias de unidades de conservação: Uso Sustentável e Proteção integral, que se diferenciam pelos usos que se pode fazer dos seus espaços. A primeira diz respeito a uma compatibilização dos seus recursos naturais, enquanto a segunda, na qual inclui os Parques, diz respeito aos usos indiretos dos seus recursos, não sendo permitido a presença humana e nem mesmo propriedades particulares em seu interior. Dessa maneira, os usos que são feitos são mais voltados à pesquisa científica e às ações para a educação ambiental.

Sendo assim, de acordo com as normas do SNUC (as quais asseguram ações de cunho científico e educativo, com atividades de educação e interpretação ambiental dentro de unidades de conservação de proteção integral), foi que selecionamos a Trilha da Restinga do Maciambu, localizada nos limites do PAEST, para nossa atuação no estágio curricular.

A Restinga

Antes de nos apropriarmos sobre a restinga e apresentar seus espaços, é preciso contextualizar o porquê da nossa escolha ao elencar a restinga como local de atuação para o desenvolvimento de um material didático, cuja produção poderia vir a auxiliar as práticas educativas e nosso papel como futuras professoras e facilitadoras na construção de conhecimento. Como poderíamos tornar a restinga um ambiente mais atrativo? Como fazer os alunos/visitantes do parque percorrem esses espaços e percebê-lo com outros olhos? Por que a restinga é esse ambiente tão importante? Todas essas questões (e outras) nos levam à escrita desse material.

A partir do planejamento da disciplina de estágio, efetuamos três saídas de estudo de campo no Parque, tendo como proposta uma imersão no local, onde realizamos trilhas e oficinas oferecidas pela equipe de monitores do Parque. Nesse momento, nos tornamos visitantes e pesquisadoras, praticando as atividades com um direcionamento do olhar e observando as possibilidades de atuação da educação nesses espaços, considerados aqui como espaços não formais de educação.

Ao percorrer a Trilha da Restinga, tendo conhecimento dos seus espaços como um ambiente de intensa intervenção humana, desde a chegada dos açorianos até os dias atuais com a especulação imobiliária, é que decidimos elaborar o guia em formato de um pequeno livreto. O guia traz informações básicas sobre o Parque, a restinga e as espécies que podem ser encontradas nesse espaço, bem como os seus usos para consumo ou mesmo formas de fitoterápicos dentro da medicina popular.

Considerou-se importante trazer esses aspectos para que os alunos e também visitantes possam se apropriar dessas informações. Afinal, como se ouve no dito popular, “só se preserva aquilo que se conhece”. O que antes era somente uma vegetação, agora passa a ter um nome, suas folhas a ter formas, texturas e cores. Também passam a ter nomes e funcionalidades diferentes e o ambiente transpõe um significado geográfico.

Dito isso, apresentamos a Restinga, um ecossistema associado ao Bioma da Mata Atlântica, uma cobertura vegetal que acompanha boa parte do litoral brasileiro. Em Santa Catarina, pode ser observada nas praias, dunas e cordões arenosos, como ocorre nos cordões da Baixada do Maciambu, dentro dos limites do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST). É uma vegetação que ocorre

em terras baixas, nas áreas de planícies do litoral e apresenta diferentes tipos de vegetação (herbácea subarbusciva, arbustiva e arbórea), em diferentes estágios de sucessão ecológica (Figura 2).

Figura 2: Vegetação de Restinga na Baixada do Maciambu



Foto: Astrid Nicolý Dallagnoli, 2022.

A restinga se destaca como um ambiente de solo arenoso, com pouca água e muito sol, mas sua vegetação desenvolve adaptações que a permite sobreviver a um ambiente hostil. Apesar dessas suas características, apresenta uma grande riqueza de biodiversidade, com espécies vegetais frutíferas, ornamentais e fitoterápicas (Figuras 3 e 4). Isto contribui para interações ecológicas, como o fornecimento de alimentos e refúgio para a vida silvestre, como é o caso das aves marinhas, siris e tartarugas que utilizam das áreas de restinga para criarem seus ninhos e depositarem os seus ovos.

Além disso, as espécies vegetais que vivem na restinga são de grande importância para as comunidades locais, como um ambiente de muito saber, com muitas espécies que são verdadeiros remédios e que podem ser utilizadas para consumo por meio de chás, temperos ou como fitoterápicos. Destaca-se, ainda, a sua contribuição na proteção das linhas de costa e à vida humana. Uma restinga preservada representa uma diminuição nos riscos de erosão, que podem levar a destruição de algumas casas em eventos de ressaca, assim como evitar o avanço do mar para o continente.

Figuras 3 e 4: Espécies etnobotânicas: da direita para a esquerda, Camarinha (*Gaylussacia brasiliensis*) e Aroeira (*Schinus terebinthifolius*)



Fotos: Mariama Bacci, 2022.

Dada a importância da restinga, para o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), algumas dessas áreas são consideradas Áreas de Preservação Permanente (APP), entendidas como espaços territoriais instituídos pelo poder público com a finalidade de proteger e preservar os recursos naturais de uma determinada paisagem, além de assegurar a sadia qualidade de vida para as presentes e futuras gerações. Além das restingas, estão inclusas nas APP's áreas como: mangues, dunas, nascentes de rios, morros e montanhas, incluindo o relevo tabular, o qual se encontra no PAEST e dá nome ao Parque, a Serra do Tabuleiro.

A restinga do Parque é considerada “como um dos maiores complexos da Restinga do Sul do Brasil, com a flora mais evoluída deste ecossistema nesta região do Brasil” (FUKAHORI, 2004, p. 47) e é na restinga do Maciambu, o local onde se encontram as espécies exploradas em nosso guia etnobotânico.

Atualmente, a Trilha da Restinga do Maciambu (Figuras 5 e 6) é a única trilha que teve a sua implementação e interpretação realizada pelo Parque, em parceria com a pesquisadora Shigueko Terezinha Ishiy Fukahori (2004). Além de encontrarmos o trajeto já oficializado, existe uma infraestrutura presente que conta com uma construção de passarela em boa parte do seu trajeto. A trilha possui no total 11 pontos de paradas (FUKAHORI, 2004), com placas para os visitantes conhecerem e poderem interpretar o que estão observando. Entre os pontos de paradas mapeados pela pesquisadora, encontra-se um ponto com breves explicações sobre a restinga e algumas espécies com relações etnobotânicas.

Figuras 5 e 6: Trilha da Restinga do Maciambu



Fotos: Astrid Nicoly Dallagnoli e Isadora de Haro Thomé, 2022.

Foi a partir dessa relação que o guia foi idealizado. Para a pesquisadora Fukahori (2004), o processo de sensibilização para a importância da conservação ambiental é facilitado através do contato direto dos visitantes com a natureza. Desse modo, o guia etnobotânico acaba por realizar, também, uma interpretação ambiental sobre o espaço da Trilha da Restinga, ao trazer um olhar mais cuidadoso, no qual se busca observar a restinga não somente com um ambiente natural, mas também cultural, onde muitos conhecimentos socioambientais se fazem presente. Além do mais, a proposta de criação do guia acaba por complementar as informações contidas nas placas já instituídas na trilha.

A seguir, apresentaremos a proposta de elaboração do guia etnobotânico.

A produção do guia etnobotânico

As motivações para a produção do material didático partem da primeira saída de campo de estudo realizada para o PAEST, durante a caminhada na Trilha da Restinga, conduzida pelas monitoras do Parque. No momento em questão, nos foi apresentado diversas espécies que possuem relação etnobotânica e que estão presentes na vegetação da restinga.

A etnobotânica foi vista como uma forma de trabalhar o conhecimento científico, e de apresentar os saberes tradicionais da comunidade, para que possa se estabelecer uma relação de

pertencimento ao ambiente da restinga, para que os visitantes possam se apropriar dessas informações e também desses espaços. Assim, os mesmos podem ser levados a uma conscientização sobre a importância da sua conservação, tanto por questões naturais quanto por suas questões culturais.

Ao término da caminhada, as monitoras comentaram sobre o anseio que a equipe do Parque possuía na elaboração de um guia etnobotânico do PAEST. O comentário das monitoras nos motivou na decisão, uma vez que tínhamos em nós o desejo de também poder contribuir com um material que pudesse ser deixado para o Parque e para que a sua equipe pudesse fazer uso no atendimento às escolas e ao público em geral.

A produção do material como avaliação final para a disciplina de estágio curricular foi elaborada em etapas, após a escolha do que desejaríamos produzir. Primeiramente, elaboramos um projeto para que as ideias pudessem ser sistematizadas de forma clara e os objetivos estabelecidos, para, então, apresentar a equipe do Parque. Durante o segundo encontro, houve uma visita voltada à realização da pesquisa em campo e à captação de recursos, como por exemplo as imagens fotográficas das espécies que estariam no guia.

Iniciamos o guia com uma lista de espécies. A seleção foi feita com base na consulta dos nossos cadernos de campo e através da conversa com as monitoras, enquanto realizamos novamente a Trilha da Restinga. Durante a realização da trilha, as monitoras nos sugeriram a inclusão de outras espécies, como a Garrafinha, Guaramirim da folha fina, Butiá e a Trapoeraba. A sugestão era de termos uma lista extensa para que, na ausência de informações sobre uma determinada espécie, pudéssemos ter outros exemplares a serem pesquisados.

Com a listagem selecionada, iniciamos as pesquisas sobre as características etnobotânicas de cada planta, contendo o nome científico, nomes populares, família botânica, as partes utilizadas para consumo, as formas de consumo e seu uso popular, além de demais informações pertinentes para cada espécie. As fontes de consulta foram desde *websites* especializados (como o Horto Didático da Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo), monografias, artigos, além da assessoria das monitoras do Parque, considerando suas pesquisas e especialização na temática.

Após realizar a etapa das pesquisas sobre as espécies, a produção do guia foi executada a partir da plataforma Canva, a qual disponibiliza ferramentas para a elaboração de materiais visuais, como apresentações, folhetos, *ebooks*, entre outros recursos disponíveis. A diagramação e a confecção estética do material ocorreram por meio de adaptações dos *designs* disponibilizados, incluindo imagens fotográficas de própria autoria na identificação das espécies (Figuras 7 e 8).

Figuras 7 e 8 - Imagens da produção do guia etnobotânico



Fonte: As autoras, 2022.

Houve o interesse de incluir os conhecimentos indígenas sobre cada uma das plantas, que seriam obtidos em uma conversa com a líder da aldeia Yakã Porã, localizada no Morro dos Cavalos (terra indígena pertencente à área do Parque). No entanto, devido a dificuldades encontradas, sobretudo relacionadas ao tempo de desenvolvimento do trabalho e conciliação de agendas, não foi possível concluir esse objetivo.

Por fim, a última etapa dessa experiência no PAEST foi a apresentação do material didático para os estudantes do curso de Geografia da UDESC, por meio da demonstração na prática de como utilizar o guia para reconhecer as espécies da restinga (Figuras 9 e 10).

Figuras 9 e 10 - Aplicação *in loco* da prática educativa com o guia etnobotânico



Fotos: Astrid Nicoly Dallagnoli, 2022.

Considerações finais

A experiência formativa do estágio curricular em geografia em um ambiente não formal de educação foi uma experiência inovadora, ao considerar que os estágios anteriores ocorreram em ambientes formais e inseridos no modelo de ensino remoto, que ocorreu durante o ano de 2021, devido ao isolamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19.

Em oposição a esse cenário, no decorrer do primeiro semestre de 2022, realizamos o último estágio que antecede a nossa formação como professoras, em uma unidade de conservação e tendo o PAEST como uma grande sala de aula, em potencial, para trabalhar a educação geográfica.

Ao longo da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, a vivência no PAEST proporcionou diversas situações de aprendizagem, em conjunto, em um espaço não formal de educação. Nesse sentido, uma parceria foi estabelecida a modo de contemplar tanto os interesses da equipe que integra a Unidade de Conservação em questão, quanto os anseios e possibilidades de atuação de uma turma em formação, de futuros geógrafos licenciados.

A experiência de lecionar em um ambiente como este muito contribuiu para a nossa formação. Ainda que nesses espaços não sejam exigidas legislações próprias para a prática de educação e/ou ensino, nada afetou o comprometimento com o ato de educar. De forma análoga à sala de aula, a ação educativa em geografia em um espaço não formal exigiu de nós a pesquisa, a escrita, o planejamento e a execução. Pensamos um tema, estabelecemos objetivos a serem alcançados, selecionamos conteúdos, metodologias e uma sequência didática, pensando de que maneira seria realizada a transposição do conhecimento.

A Trilha da Restinga, no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, foi vista como uma possibilidade para a atuação de práticas educativas e contou com o desenvolvimento do guia etnobotânico, pois entendemos que a educação geográfica pôde ser realizada ao longo do caminho percorrido com a ajuda de um material didático. Além de desenvolver o material, o exercício do estágio contribuiu para a nossa formação como futuras professoras em um espaço não formal de educação, ao possibilitar que a prática educativa pudesse ser efetivada e tornado o conhecimento acadêmico científico mais acessível para um público diverso, além de expandir esse saber para além dos muros das escolas e universidades.

O material didático desenvolvido se apresenta, dessa forma, como uma metodologia da qual utilizamos para conseguir efetuar a educação geográfica nesse novo ambiente. A caminhada com a

turma de estudantes da 3ª fase oportunizou uma troca de saberes, pois além das informações contidas no guia, houve contribuições por parte da turma, que trouxe outros saberes relacionados aos conhecimentos populares. A visibilidade da restinga enquanto uma paisagem e um local de importância sociocultural foi conferida durante a elaboração do guia etnobotânico, bem como na apresentação in loco do material didático. Assim, a caminhada na restinga tornou-se um momento educativo, de lazer e de interpretação socioambiental relacionado com a paisagem do local, promovendo a educação geográfica.

Além do mais, a produção do guia serviu como uma experiência piloto para que cada vez mais possa se aprimorar o material por meio da inclusão de novas espécies e novos saberes, como os conhecimentos dos povos guaranis que ali vivem. O material, apesar de se constituir como guia, pode ser utilizado por professores e professoras da rede pública e particular de ensino como material de consulta, com informações relacionadas à paisagem da restinga e seus elementos etnobotânicos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LEI Nº 9.985**, de 18 de julho de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm Acesso em: 18 de julho de 2022.

BRASIL. **Resolução CONAMA nº 303**, de 20 de março de 2002. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 13 mai. 2002.

BASEN, Kelly. **Autoecologia de Gaylussacia brasiliensis (Ericaceae) em restinga da Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil**. Programa de Pós-graduação em Recursos Genéticos Vegetais. UFSC, Florianópolis, 2017.

ECKEL, Renato Luis. **Mapeamento e caracterização da cobertura vegetal e uso da terra de uma área do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (Baixada do Massiambu, município de Palhoça, SC)**. Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal do Centro de Ciências Biológicas. UFSC, Florianópolis, 2008.

FUKAHORI, Shigueko Terezinha Ishiy. **Trilha da Restinga do Maciambu: concepção, implantação, interpretação ambiental e avaliação como contribuição ao processo de educação ambiental no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental. UFSC, Florianópolis, 2004.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em extensão**, vol. 7. Uberlândia, p. 55-66, 2008.

SANTA CATARINA, **Instituto do Meio Ambiente**. Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Disponível em: <https://www.ima.sc.gov.br/index.php/biodiversidade/unidades-de-conservacao/parque-estadual-da-serra-do-tabuleiro>. Acesso em: 18 de julho de 2022.